



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Laura Duarte Gorino

Santa Maria de Itabira: uma narrativa de identidade e pertencimento

Mariana
2026

LAURA DUARTE GORINO

Santa Maria de Itabira: uma narrativa de identidade e pertencimento

Memorial do produto apresentado ao curso de graduação de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Jornalista.

Orientadora: Denise Figueiredo Barros do Prado.

Mariana
2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

G669s Gorino, Laura Duarte.

Santa Maria de Itabira [manuscrito]: uma narrativa de identidade e pertencimento. / Laura Duarte Gorino. - 2026.
43 f.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Prado.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Aceitação social. 2. Arte de contar histórias. 3. Identidade social na arte. 4. Som na arte. I. Prado, Denise. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 316.7(815,1)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa -Bibliotecário - CRB6 1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Laura Duarte Gorino

Santa Maria de Itabira: uma narrativa de identidade e pertencimento

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2026.

Membros da banca

Profa. Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Dra. Débora Cristina Lopez - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Profa. Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 22/06/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Denise Figueiredo Barros do Prado, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/06/2026, às 14:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1128124** e o código CRC **8DA6FDD7**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.006950/2026-82

SEI nº 1128124

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)3558-2275 - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível porque muitas vozes se dispuseram a contar, lembrar e sentir junto. Agradeço, com carinho e profundo respeito Dalva Fernandes, Cláudia Guerra, Ná Guerra, Bernadete Duarte e Miria Alvarenga, que abriram suas casas, memórias e palavras para que esta narrativa ganhasse corpo e afeto.

Aos artistas locais e integrantes da banda Los Panchos, Hudson Duarte, Loso, Batata, Tixéu, Mirely, Gisele e todos os que se juntaram ao redor da música e da conversa, muito obrigada. Agradeço pela generosidade dos encontros, pelos sons compartilhados e por traduzirem o espírito coletivo de Santa Maria de Itabira.

À Joana d’Arc Torres de Assis, minha gratidão pela escuta atenta, pela partilha de saberes e pela sensibilidade com que ajuda a preservar a memória e a identidade santamariense. Cada fala, cada silêncio e cada som registrado carrega a força de quem vive e sente esse território.

Aos meus pais, agradeço por serem abrigo, incentivo e presença constante, mesmo nos momentos de dúvida e cansaço.

À minha orientadora, Denise Prado, deixo meu agradecimento pela condução sensível, pelo olhar atento e pela confiança ao longo de todo o processo, fundamentais para que este trabalho encontrasse seu caminho.

Aos professores Ricardo Augusto, Cláudio Coração, Hila Rodrigues, Débora Lopez e Felipe Machado, agradeço pelas trocas, ensinamentos e provocações que atravessaram minha formação e ajudaram a construir meu olhar jornalístico.

À Universidade Federal de Ouro Preto, minha gratidão por ser espaço de escuta, aprendizado e transformação, e por tornar possível a realização deste percurso que é, ao mesmo tempo, acadêmico, pessoal e profundamente afetivo.

RESUMO

Este trabalho apresenta a produção da reportagem sonora “Santa Maria de Itabira: uma narrativa de identidade e pertencimento”, desenvolvida como produto jornalístico com o objetivo de compreender e registrar os elementos que constituem a identidade cultural do município de Santa Maria de Itabira, em Minas Gerais. A pesquisa parte da compreensão de que a identidade cultural é uma construção histórica, simbólica e social, atravessada por memórias, relações afetivas, práticas cotidianas e transformações contemporâneas. O trabalho fundamenta-se teoricamente em autores como Stuart Hall, Anthony Giddens, Milton Santos e R. Murray Schafer, articulando conceitos de identidade, território, memória e paisagem sonora à linguagem radiofônica e ao podcast documental. A metodologia envolve pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas semiestruturadas com moradores, artistas locais e autores santamarienses, além da captação de sons ambientes característicos da cidade, como sinos, vozes, ruídos cotidianos e manifestações musicais. A reportagem sonora utiliza recursos narrativos como oralidade, sonoplastia, montagem e trilha sonora para construir uma experiência de escuta imersiva e sensível, valorizando as narrativas locais e o sentimento de pertencimento. O produto final, com duração aproximada de 12 minutos, evidencia como o som atua não apenas como suporte técnico, mas como elemento narrativo capaz de registrar afetos, memórias e modos de vida. Conclui-se que a linguagem sonora constitui uma ferramenta relevante para a preservação da memória coletiva e para a representação simbólica de comunidades interioranas, permitindo que vozes, histórias e identidades locais sejam reconhecidas e compartilhadas para além de seus limites territoriais.

Palavras-chave: identidade cultural; pertencimento; narrativa sonora; podcast documental; oralidade; memória coletiva.

SUMÁRIO

Introdução.....	5
1. Santa Maria de Itabira e as identidades culturais.....	9
1.1 Localização, população e contexto histórico.....	10
1.2 A produção literária santamariense: autores, obras e narrativas locais.....	12
1.3 Identidade cultural: uma problematização conceitual.....	13
2. Narrativas sonoras.....	16
2.1 Aspectos formais e conceitos.....	16
2.2 Aspectos narrativos da reportagem sonora.....	17
2.3 Escopo do produto.....	18
3. Produção, Pós-produção e Análise Geral.....	19
3.1 Elaboração dos roteiros e etapas de produção.....	19
3.2 Pós-produção e edição do material sonoro.....	21
3.3 Análise geral: desafios e aprendizados.....	21
4. Referências bibliográficas.....	24
ANEXO.....	26
ANEXO A.....	26
ANEXO B.....	28
ANEXO C.....	30
ANEXO D.....	32
ANEXO E.....	33

Introdução

Este trabalho propõe a criação de um produto, em formato de reportagem sonora, com o objetivo de explorar e registrar aquilo que compõe a identidade cultural do município de Santa Maria de Itabira (MG). O produto busca entrelaçar narrativas orais, entrevistas com moradores e autores de obras locais para compor uma paisagem sonora que representa o sentimento de pertencimento, os costumes e a memória coletiva da cidade.

A narrativa central do produto gira em torno da identidade cultural santamariense, pensada enquanto construção social, histórica e simbólica. A proposta parte do entendimento de que a identidade de um povo é atravessada por processos históricos, experiências afetivas, práticas cotidianas e simbologias compartilhadas.

A reportagem pretende, assim, explorar os modos pelos quais os moradores de Santa Maria de Itabira compreendem e expressam sua identidade, mesmo diante das transformações pós-modernas e das tensões sociais e econômicas do tempo presente. Como argumenta Stuart Hall (2006), a identidade não é uma essência fixa, mas um processo em constante transformação. Ainda que o município tenha passado por mudanças estruturais, como a expansão comercial e a mobilidade social, o produto busca mostrar como o município se transformou a partir destas mudanças e como se dá o dia a dia, trabalhando a questão do pertencimento em meio a isso.

A motivação principal para a criação deste produto surge da necessidade de valorização da memória local, da tradição oral e da produção cultural de pequenas cidades que, frequentemente, ficam à margem dos grandes registros midiáticos e acadêmicos. Santa Maria de Itabira, com seus cerca de 10 mil habitantes, apresenta uma riqueza simbólica e afetiva que merece ser documentada e compartilhada.

O público-alvo deste produto inclui:

- Moradores de Santa Maria de Itabira e região;

- Pesquisadores e estudantes interessados em identidade cultural, história local e estudos sobre o interior do Brasil;
- Audiências urbanas que desejam compreender as dinâmicas culturais de cidades pequenas;
- Educadores, que podem usar o material como apoio pedagógico sobre cultura popular e patrimônio imaterial.

A sustentação teórica do podcast repousa principalmente nas contribuições de Stuart Hall, Anthony Giddens, Milton Santos e Ernesto Laclau, cujas obras discutem a identidade cultural, o pertencimento e os impactos da modernidade sobre os sujeitos sociais.

A produção será fundamentada também na valorização da escuta e na construção narrativa, inspirando-se também em podcasts documentais brasileiros como "Rádio Novelo Apresenta" (2019).

O projeto se apoia na valorização da oralidade como meio legítimo de produção e transmissão de conhecimento, conforme defendido por Clarissa Pinkola Estés (1998). A autora afirma que as histórias orais carregam “verdades profundas”, que constituem e fortalecem a identidade coletiva.

No que diz respeito às questões práticas, serão analisados trabalhos como "Rádio: o veículo, a história e a técnica" (2001), de Luiz Artur Ferraretto, para compreender as características técnicas do rádio e da linguagem sonora. O autor aborda a estrutura narrativa, roteiro, entrevista e efeitos sonoros — essencial para um podcast com caráter documental. O livro "Narrativas e tecnologias: o rádio, o som e a escuta no ciberespaço" (2007), organizado por Elson Machado e Marcos Palácios, também será utilizado para compor a pesquisa, já que reúne diversos artigos que analisam o uso do som como linguagem, além de reflexões sobre rádio digital, podcast e construção de memória sonora.

A pesquisa sobre podcasts já realizados também será útil para a construção deste produto, como uma base de entendimento e análise de obras similares. O podcast “Rádio novelo Apresenta” traz episódios com linguagem narrativa, jornalística e afetiva, no qual são tratados temas como identidade, pertencimento e cultura local — como, por exemplo, no

episódio “Lugares que não existem”¹, que fala sobre como o espaço e a memória constroem identidade. Já o projeto “Vozes da Cidade”² tem o produto sonoro “Histórias que Contam” que consiste em uma iniciativa que traz histórias e memórias de comunidades brasileiras por meio da oralidade. Ele aborda identidade a partir de personagens e tradições locais.

Como forma de pensar sobre a linguagem sonora e as identidades, serão utilizadas as obras: "Rádio comunitário: identidade e cidadania" (2000), que trabalha especificamente com a ideia de identidade cultural em mídias sonoras de pequeno alcance, como rádios locais e comunitárias. E também a obra "Rádio e cidadania: novas trilhas sonoras no Brasil" (2003) que discorre sobre como o rádio e o som contribuem para a formação da identidade social e cultural de comunidades.

A produção da reportagem sonora será organizada em etapas que se complementam, desde a fase de pesquisa até a veiculação final. Inicialmente, será realizada uma pesquisa aprofundada acerca da história de Santa Maria de Itabira, com base em documentos históricos, produções literárias locais e relatos orais. Essa investigação servirá para embasar teoricamente os roteiros e fornecer subsídios para a seleção de entrevistados representativos da diversidade identitária do município.

Na sequência, será feita a roteirização da reportagem. Este processo buscará equilibrar narrativas pessoais, trechos literários, contextualização histórica e reflexões conceituais, sempre a partir de uma perspectiva sensível e crítica. Neste processo também serão incluídas ideias de sonoplastia.

Após isso, será iniciada a etapa de gravação, que envolverá entrevistas com moradores da cidade e autores locais, além da captação de paisagens sonoras e sons ambientes característicos do município. Também serão utilizadas músicas locais e trilhas compostas por artistas da região, quando possível, para reforçar a ambientação sonora e o sentimento de pertencimento. Finalizada a captação, o material bruto será organizado e editado com base nos princípios da narrativa sonora, utilizando recursos como montagem, efeitos, pausas

¹ Episódio “Lugares que não existem”, do podcast *Rádio Novelo Apresenta*, que aborda as relações entre espaço, memória e identidade cultural. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/>. Acesso em: 12/11/2025.

² O produto sonoro “Histórias que Contam” reúne narrativas de moradores e lideranças locais. Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/3Ealp9yTolPeMQz21KeTQT?si=21f4652e117242c2&nd=1&dlsi=82b53f1f3ed04ebc>. Acesso em: 12/11/2025.

estratégicas e mixagem, de modo a construir uma escuta envolvente e coerente com o propósito do projeto.

Por fim, após a finalização da reportagem ele será disponibilizado em plataformas digitais de áudio, como Spotify e YouTube, sendo também promovido por meio das redes sociais digitais. Esse processo permitirá não apenas o acesso da população santamariense ao conteúdo, mas também uma ampla circulação da narrativa para públicos interessados em identidade, cultura popular e comunicação sonora.

1. Santa Maria de Itabira e as identidades culturais

Pensar a identidade cultural de um povo é uma tarefa complexa, especialmente quando essa reflexão se dá por meio de um produto jornalístico como uma reportagem sonora, que busca captar e transmitir não apenas informações, mas também a atmosfera afetiva e simbólica de um lugar. No caso de pequenas cidades do interior do Brasil, como Santa Maria de Itabira, a construção do sentimento de pertencimento não se reduz a símbolos oficiais ou marcos históricos formais, mas se revela nas pequenas coisas do dia a dia: nas histórias que os moradores contam em roda, nas festas tradicionais, nas formas de expressão oral e corporal, e nas relações de vizinhança e solidariedade. Essas manifestações culturais se mantêm vivas, muitas vezes silenciosamente, resistindo e adaptando-se às transformações sociais, econômicas e tecnológicas que atravessam o tempo, mostrando uma dinâmica contínua entre passado e presente.

Por mais que a identidade deva ser compreendida como um conceito fluido, em constante construção, jamais fixo ou encerrado em definições absolutas, ainda assim, certos elementos simbólicos se perpetuam, compondo a “narrativa da nação”.

Ao observar como o povo de Santa Maria de Itabira conta sua história, interage com o espaço, com os costumes e com as transformações, é possível entender não só o que define essa comunidade hoje, mas também o que permanece de seu passado como traço identitário. Essa análise parte do contexto histórico e social da cidade e se debruça sobre autores e obras que, ao longo dos anos, contribuíram para a construção simbólica do imaginário santamariense.

Pensar a identidade cultural de um povo por meio da linguagem sonora implica compreender o som não apenas como elemento técnico ou estético, mas como portador de sentidos simbólicos, afetivos e históricos. Em sociedades marcadas pela oralidade e pela transmissão intergeracional do conhecimento, como as comunidades do interior brasileiro, o som ocupa uma função que extrapola o nível informativo, atuando como elemento estruturante da memória coletiva. Conforme aponta Schafer (2001), a paisagem sonora de um local, composta por vozes, ruídos, cantos, silêncios e ritmos, revela traços profundos da cultura e do modo de vida de seus habitantes.

Neste sentido, uma reportagem narrativa em formato sonoro não apenas relata fatos, mas cria atmosferas, permitindo ao ouvinte mergulhar na experiência do outro. A escuta torna-se,

então, uma forma de conhecimento. Isso reforça a proposta do conteúdo que valoriza o repertório simbólico de Santa Maria de Itabira.

1.1 Localização, população e contexto histórico

Santa Maria de Itabira está localizada no interior do estado de Minas Gerais, a cerca de 134 km de Belo Horizonte. Possui, segundo o Censo de 2022 do IBGE, aproximadamente 10 mil habitantes, com população distribuída entre a sede urbana e a zona rural. O território total do município é de 597,437 km², mas a área urbana ocupa apenas 1,7 km², demonstrando o caráter predominantemente rural da região.

A cidade possui origem ligada à agricultura e à pecuária, tendo se desenvolvido a partir da lógica econômica da lavoura, especialmente durante e após o ciclo do ouro em Minas Gerais. Embora Santa Maria não tenha sido centro de mineração como outras localidades próximas, sua produção era direcionada ao abastecimento das regiões mineradoras, o que é narrado por Joana d'Arc de Assis em sua obra *Santa Maria de Itabira: Na Lavra do Tempo* (2013).

Santa Maria de Itabira é, por isso, um município centrado no comércio local, festividades tradicionais religiosas e laços familiares. O dia a dia é, em sua maior parte, pacato. O livro “Alguma Poesia” do poeta itabirano Carlos Drummond de Andrade traz o poema “Cidadezinha Qualquer” (1930) que retrata o cotidiano das cidades interioranas mineiras, “Um homem vai devagar/Um cachorro vai devagar/Um burro vai devagar/Devagar... as janelas olham/ Eta vida besta, meu Deus.”. Essa trivialidade da vida em uma cidade pequena do interior acaba por criar laços mais profundos não só entre os moradores, mas também com o território, isso porque o simples recebe muito valor, já que é tudo que existe.

Em Santa Maria de Itabira não há faculdades ou universidades, existem cinco escolas no município, duas delas para o ensino primário, uma que engloba ensino fundamental e médio e uma destinada ao ensino fundamental 1 e, por último, uma para ensino fundamental 2 e ensino médio. Portanto, quem deseja cursar ensino superior é quase sempre (fora aqueles que optam pelo ensino remoto) forçado a sair do município, nem que seja temporariamente. A migração pendular afeta, então, grande parte dos jovens que entram nas universidades, que procuram municípios vizinhos para garantir sua formação superior. Isso também acontece com as crianças e adolescentes que estudam em escolas particulares. É preciso ir até Itabira (MG) para ter acesso a ensinos com mais qualidade. Embora este caso seja de menor ocorrência, já

que os gastos com educação e transporte extrapolam a realidade econômica dos moradores de baixa renda que compõem a maioria da população da cidade.

O processo de emancipação política de Santa Maria de Itabira ocorreu há 82 anos, e desde então a cidade tem passado por transformações estruturais e sociais que refletem as dinâmicas do Brasil contemporâneo. Ainda assim, como destaca a própria população e como é evidenciado nas obras literárias locais, certos traços permanecem: o modo informal e afetuoso de se relacionar, a valorização das histórias de vida, a centralidade da religiosidade e a importância dos espaços físicos na construção de um sentimento de pertencimento.

A comunidade quilombola do Barro Preto, localizada a 5km da sede da cidade, é exemplo de preservação de identidade no município. Com cerca de 600 habitantes, é possível chegar até o local pela BR-120, seguida de uma estrada de terra vicinal. O Barro preto é uma comunidade remanescente de quilombo que preserva suas tradições e cultura, com destaque para o Batuque, manifestação cultural e símbolo de resistência. Os dados populacionais do distrito são fornecidos por um censo do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva, no ano de 2010. Segundo ele, a área de Barro Preto foi ocupada na segunda metade do século XIX.

Os primeiros habitantes foram Tobias Pires, João Grigó da Silva, Francisco Acácio e Quitéria Carneiro, sendo esta a maior detentora das terras da comunidade. A comunidade tem sua cultura marcada por festas, como a de Santo Antônio, comemorada no dia 25 de junho, e da vigília de Natal, no dia 25 de dezembro. As danças, que são muito presentes na região, estão associadas ao batuque, moda de quatro, quadrilha, umbigada e capoeira. Atualmente, uma nova festividade entrou para o calendário do Barro Preto, a Fest Afro, que ocorre em durante o mês de comemoração da consciência negra. Com o passar dos anos a comunidade foi encontrando maneiras de promover não só o seu próprio lazer, mas também de atrair o restante da população do município ao local, com o intuito de aumentar a popularidade e a lucratividade dos eventos, mas sem deixar as tradições de lado.

A identidade cultural de uma comunidade está intimamente ligada ao espaço que ela ocupa. No caso de Santa Maria de Itabira, o território se apresenta como mais do que um espaço físico: ele se constitui como lugar vivido, marcado por memórias, afetos, relações sociais e dinâmicas históricas. Como argumenta Santos (1996), o lugar não é apenas o cenário onde a vida ocorre, mas o próprio conteúdo da vida social.

O modo como os moradores se referem aos espaços da cidade, como a praça, a igreja, o mercado ou as comunidades rurais, revela a construção simbólica do território, atribuindo significados que vão além da função utilitária dos locais. Ao registrar e compreender tais significados, este trabalho pretende evidenciar como o espaço também é narrativa, e como ele participa da constituição de um imaginário coletivo que mantém suas raízes mesmo em meio a transformação externa.

1.2 A produção literária santamariense: autores, obras e narrativas locais

A literatura produzida em Santa Maria de Itabira é uma das principais formas de expressão da identidade local. Os registros literários preservam as memórias da cidade, resgatam histórias populares e familiares e ajudam a fixar no imaginário coletivo os modos de vida do povo santamariense. Quatro obras, em especial, se destacam por sua relevância nesse processo: *Assim se Conta em Santa Maria de Itabira* (2019), de Cristiano Augusto Lopes; *Santa Maria de Itabira: Na Lavra do Tempo* (2013), de Joana d’Arc Torres de Assis; *Atos da Caminhada de um Povo* (2004), de Almir Adoniran Duarte; e *Sempre Vale a Pena Viver* (2010), autobiografia de Natércia Assis Torres.

A obra *Assim se Conta em Santa Maria de Itabira*, publicada em 2019, integra o projeto “Contos Locais”, voltado para a valorização da memória oral em pequenas cidades do Brasil. O livro, escrito com apoio da comunidade escolar e da Fundação Francisco de Assis, reúne contos reais e fictícios que retratam personagens típicos do município, como “Luiz Cascavel” e “Sô Laércio”, e locais emblemáticos como o açougue do Edim e a comunidade quilombola do Barro Preto. A linguagem acessível, com traços de oralidade, e a presença de ilustrações feitas por crianças reforçam a ideia de identidade coletiva construída de forma colaborativa e intergeracional.

Já a obra de Joana d’Arc Assis, intitulada *Santa Maria de Itabira: Na Lavra do Tempo* e publicada em 2013, se baseia em mais de 12 mil documentos históricos que retratam aspectos econômicos e culturais da cidade entre os séculos XIX e XX. A autora, ao costurar documentos, relatos e fotografias, constrói uma narrativa que valoriza tanto os registros oficiais quanto os afetos do cotidiano. A presença da influência africana no modo de ser santamariense é um dos temas abordados com destaque, bem como o papel das mulheres e a presença dos escravizados na formação do município.

O livro *Atos da Caminhada de um Povo*, do padre Almir Duarte, publicado em 2004, se concentra na história da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, mas também narra aspectos da vida social e espiritual da população. A obra, apesar do viés religioso, trata da relação da comunidade com os ritos, as festas e a solidariedade coletiva, traços fundamentais da identidade local.

Por fim, *Sempre Vale a Pena Viver*, autobiografia de Natércia Assis Torres, publicada em 2010, narra uma trajetória pessoal de superação, mas também serve como registro das transformações físicas e simbólicas da cidade ao longo das décadas. A autora relata mudanças sociais, a importância dos laços familiares e a rede de apoio que molda a convivência no interior.

Essas quatro produções, somadas, não apenas documentam a vida santamariense como a simbolizam: os modos de falar, agir, resistir, celebrar e lembrar. Através delas, a identidade do município é não apenas representada, mas também ressignificada.

1.3 Identidade cultural: uma problematização conceitual

A discussão sobre identidade cultural é fundamental para compreender os elementos que compõem o “ser santamariense” dentro desta pesquisa. Stuart Hall, um dos principais teóricos do tema, argumenta que a identidade não é algo fixo, mas uma construção simbólica e histórica, atravessada por fatores como gênero, classe, raça, etnia e nacionalidade. Para o autor, as identidades modernas passaram por um processo de fragmentação, tornando-se provisórias e múltiplas.

Em Santa Maria de Itabira, essas transformações são visíveis. A cidade carrega traços da pós-modernidade, como as mudanças nas estruturas econômicas, na mobilidade social e nas formas de interação, mas ainda preserva elementos históricos que resistem ao tempo. Como afirma Hall, a cultura nacional é um discurso, ou seja, um modo de organizar sentidos que dá forma à nossa visão de mundo e à nossa percepção sobre quem somos (HALL, 2006, p. 31).

Anthony Giddens (1990), por sua vez, ressalta a importância da memória histórica nas sociedades tradicionais, argumentando que símbolos e narrativas herdadas das gerações anteriores são fundamentais para a coesão cultural. Em Santa Maria, esse vínculo com o passado se expressa tanto na reverência aos mais velhos quanto na valorização das histórias locais e no respeito à memória das comunidades quilombolas e das famílias antigas.

Na obra de Joana d’Arc Assis, citada anteriormente, é possível ter mais noção sobre este sistema. O livro trata de toda história do município, desde a sua fundação. É uma verdadeira viagem pela história não só da cidade, mas de toda Minas Gerais. Em Santa Maria não se minerava e em meio ao *boom* do minério em Itabira, a lavoura começa a ser o foco da produção local a partir da exploração da população escravizada também no trabalho das lavouras. Essa população passa a integrar a constituição econômica e cultural da região, pois, conforme Joana d’Arc Assis trata em seu livro.

Santa Maria carrega, de maneira clara, a influência africana. Linguajar, culinária, o modo de ser desligado de titicas. A influência da mãe preta nos deixou mais simples e espontâneos nos sentimentos, mais vivazes nas relações. Talvez more aí o segredo da atitude despojada do santamariense na vida, característica que chama atenção dos estranhos. Preferir a simplicidade aos hábitos formais, à ostentação, isso teria vindo de onde mais? Somos mais no estilo de gente do litoral, coisa que Minas desconhece. (ASSIS, 2013, p. 352.)

Autores como Laclau e Gellner também contribuem para essa reflexão ao apontar que a identidade, mesmo quando desarticulada, pode ser reorganizada em novos moldes, sem perder sua função simbólica. A tentativa de unificação cultural, segundo Gellner (1983), é uma resposta à necessidade de criar uma “atmosfera comum”, capaz de dar coesão a uma sociedade. No entanto, como mostra a realidade santamariense, essa unificação não elimina as particularidades de raça, classe e gênero, que continuam marcando a vivência de diferentes grupos.

No contexto contemporâneo, a discussão sobre identidade cultural ganha novas camadas quando analisada por meio das mídias sonoras. O rádio e, mais recentemente, o podcast documental, oferecem não apenas meios de comunicação, mas também ferramentas simbólicas de construção, preservação e transformação da memória coletiva.

Ao estudar as características técnicas e narrativas do som, como propõem Ferrareto (2001) e Machado e Palácios (2007), compreendemos que o áudio vai além da informação: ele carrega sotaques, ritmos, modos de falar e silêncios que são profundamente culturais. Assim, ao abordar a identidade cultural santamariense, é interessante investigar como a linguagem

sonora participa da produção simbólica do "ser" local, registrando histórias, afetos e marcas do tempo.

A oralidade, quando mediada por tecnologias como o rádio ou o podcast, torna-se um espaço de disputa e de afirmação de pertencimentos, onde memórias individuais ganham corpo coletivo. Compreender esse processo é essencial para mapear não apenas o que se transforma, mas também o que resiste e como o som pode ser uma forma legítima de dizer quem somos.

A construção de identidade em Santa Maria, portanto, está inserida em um movimento ambíguo: ao mesmo tempo em que se transforma, ela mantém certos códigos sociais, afetivos e linguísticos que a tornam reconhecível. Assim, discutir a identidade cultural neste trabalho é também uma forma de mapear como uma comunidade se vê, se narra e se transforma, sem deixar de ser, profundamente, ela mesma.

2. Narrativas sonoras

A escolha de produção de uma reportagem narrativa em formato sonoro parte do entendimento de que o som, enquanto linguagem, possui uma força expressiva capaz de comunicar não apenas informações, mas atmosferas, afetos e memórias. A proposta de criação da reportagem sonora se ancora na percepção de que a escuta é uma experiência sensível e imersiva, que convida o ouvinte a entrar em contato com modos de vida, valores e símbolos que, por vezes, acabam sendo ofuscados em produções apenas textuais. O som, neste projeto, é tratado como linguagem completa e autônoma, e não como mero suporte da fala.

A reportagem é construída a partir de entrevistas com moradores do município, autores de obras santamarienses e uma narrativa envolvendo a história do município e o que significa ser santamariense para a população. Em meio a isso estarão as trilhas sonoras que contribuem para a ambientação da reportagem e também separa os blocos de conteúdo.

2.1 Aspectos formais e conceitos

Em primeiro lugar, busca-se articular a dimensão informativa e histórica com a dimensão afetiva da escuta, equilibrando entrevistas e dados com sons e atmosferas. Em segundo, pretende-se valorizar a pluralidade das vozes locais, incluindo moradores, autores, líderes comunitários e personagens simbólicos, de modo a oferecer um retrato diverso e representativo da identidade cultural santamariense. Em terceiro, a narrativa visa criar uma experiência sensorial que permita ao ouvinte “visitar” a cidade por meio do som, despertando memórias ou criando imagens mentais que reforcem a dimensão simbólica do espaço. Por fim, a estrutura pretende promover uma escuta crítica, que permita ao público refletir sobre os processos de formação identitária, as transformações do território e os modos de preservação da memória coletiva.

A linguagem do podcast adotará uma forma narrativa predominantemente linear com encadeamento temático, mas também recorrerá a estruturas de mosaico e sobreposição simbólica, buscando alternar entre momentos de escuta informativa e passagens mais poéticas ou reflexivas. A intenção é criar uma escuta sensível, que leve o ouvinte a mergulhar nas histórias contadas pelos próprios moradores, sem que a voz da produção se sobreponha a elas. A ideia é que um momento complemente o outro. A paisagem sonora, construída com

gravações *in loco* e sons característicos do município, atuará como dispositivo narrativo e não apenas ilustrativo, reforçando o sentimento de lugar e o vínculo entre som e identidade.

2.2 Aspectos narrativos da reportagem sonora

Ao explorar a identidade cultural de Santa Maria de Itabira por meio da linguagem sonora, busca-se dar protagonismo às vozes da cidade, às paisagens sonoras do cotidiano e à oralidade enquanto forma legítima de transmissão de saberes. A narrativa será guiada por entrevistas, sons ambientes, trechos literários e trilhas compostas por artistas locais, entrelaçados de modo a formar uma escuta fluida e envolvente. A reportagem trabalhará com uma linguagem sensível e afetiva, sem abrir mão da profundidade jornalística e da reflexão crítica.

A estrutura narrativa do episódio se fundamenta em três eixos principais: oralidade, escuta ativa e montagem narrativa. A oralidade será tratada como tecnologia cultural e simbólica, especialmente em contextos nos quais o saber se constrói e se transmite principalmente pela fala e pela escuta. Como aponta Clarissa Pinkola Estés, em “O Dom da História” (1988), as histórias contadas oralmente carregam verdades profundas, que são passadas de geração em geração e constituem o núcleo emocional das comunidades. A escuta ativa, por sua vez, conforme desenvolvida por Schafer, em “A Paisagem Sonora” (1977), propõe que o som seja compreendido como campo simbólico em si, revelando dinâmicas culturais e afetivas que não estão visíveis, mas que ressoam na paisagem sonora de um lugar.

Finalmente, a montagem narrativa será utilizada como ferramenta de costura entre os diferentes elementos sonoros que compõem o episódio, buscando uma harmonia entre vozes, trilhas e ruídos, sem hierarquias rígidas entre os blocos narrativos.

Nesse sentido, a linguagem sonora não será apenas ambientação, mas elemento ativo da construção simbólica do “ser santamariense”. Sons como o sino da igreja, o batuque da comunidade quilombola do Barro Preto, os ruídos da feira ou o silêncio das tardes quentes compõem uma estética sonora própria, que será cuidadosamente integrada ao roteiro. Como afirma Ferrareto (2014), o som carrega códigos culturais e sociais que dispensam tradução, e que, ao serem utilizados de forma intencional, podem produzir efeitos de identificação, memória e pertencimento.

A reportagem, por ser uma produção única, engloba em um só produto diferentes aspectos que representam a identidade do município, utilizando articulações como a narração, que tem

o papel de contextualizar e informar, com dados sobre o município e sua população, que se unem às entrevistas e sonoplastia que complementam historicamente e ambienta a obra.

2.3 Escopo do produto

O produto sonoro foi estruturado sob a forma de uma reportagem sonora com duração de 10 a 15 minutos. O enredo apresenta o território e o contexto histórico da cidade, com inserções de sons ambientes e depoimentos sobre o pertencimento local. Isso virá seguido das vozes de moradores, suas memórias, modos de falar, contos e reflexões, intercalados com trechos de obras literárias e sons do cotidiano. Também foi abordado a identidade em movimento, discutindo como os moradores lidam com as transformações sociais e quais traços resistem ao tempo. A montagem final buscará manter uma escuta fluida, com pausas estratégicas, sobreposições e trilhas que dialoguem com o conteúdo emocional de cada fala.

Assim, a construção narrativa do episódio não se limita à organização linear de informações, mas pretende ser uma costura simbólica de vozes, silêncios, ruídos e palavras, onde a identidade de Santa Maria de Itabira se revela não apenas no que é dito, mas no modo como é dito, no tom, na pausa e no som ao redor.

3. Produção, Pós-produção e Análise Geral

3.1 Elaboração dos roteiros e etapas de produção

A etapa de produção da reportagem sonora *Santa Maria de Itabira: uma narrativa de identidade e pertencimento* teve início a partir da pesquisa teórica e empírica desenvolvida ao longo da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I. A elaboração dos roteiros foi realizada de forma gradual e integrada ao processo de investigação sobre a história, a identidade cultural e as práticas cotidianas do município de Santa Maria de Itabira.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa aprofundada sobre o contexto histórico, social e cultural da cidade, com base em obras literárias locais, documentos históricos, dados oficiais e relatos orais. Esse levantamento subsidiou a definição do recorte narrativo do produto e a escolha das fontes, priorizando moradores, artistas locais e autores que mantêm relação direta com a memória e a identidade santamariense. A partir dessa etapa, foram elaborados pautas e roteiros de entrevistas organizados por núcleos temáticos, contemplando diferentes dimensões do “ser santamariense”, como memória, cotidiano, pertencimento, território, religiosidade e manifestações culturais.

Os roteiros foram pensados como instrumentos flexíveis, com perguntas abertas e orientadoras, permitindo que os entrevistados conduzissem suas falas de maneira espontânea, respeitando a lógica da oralidade e da escuta sensível, fundamentais para uma narrativa sonora de caráter documental. Além das perguntas, os roteiros incluem indicações de possíveis paisagens sonoras, momentos de inserção de narração e sugestões de trilha, funcionando como guia tanto para a gravação quanto para a posterior edição do material.

A produção da reportagem envolveu entrevistas individuais e coletivas com moradoras da cidade, artistas locais, integrantes da banda Los Panchos e a escritora santamariense Joana d’Arc Torres de Assis. As gravações foram realizadas em ambientes cotidianos e significativos para os entrevistados, como residências, espaços de convivência e áreas externas, buscando preservar a ambiência sonora natural do município. Paralelamente às entrevistas, foram captados sons ambientes característicos de Santa Maria de Itabira, como o badalar dos sinos da igreja matriz, sons de pássaros, insetos e ruídos que compõem a paisagem sonora da cidade.

A entrevista com a autora Joana D'arc Torres de Assis, foi realizada em sua própria residência, em Belo Horizonte. Nos encontramos no início da noite, às 19h. Nos sentamos no sofá e conversamos, primeiro, sobre as nossas vidas, já ainda não havíamos nos conhecido pessoalmente. Depois disso, começamos a entrevista. Joana trouxe anotações e foi objetiva com as questões envolvendo fatos históricos do livro “Santa Maria de Itabira: Na Lavra do Tempo”. Ao mesmo tempo, a conversa foi se desenvolvendo em meio a colocações poéticas e abstratas sobre o santamariense. A entrevistada também é autora de livros de diversos gêneros, envolvendo espiritismo e poesia. Ao fim da conversa nos juntamos na cozinha para comer com uma de suas netas. Ao todo, a entrevista durou cerca de duas horas.

Já a entrevista com moradores de Santa Maria de Itabira ocorreu na própria cidade, durante a tarde. Na área externa da casa de Dalva Fernandes, todos se reuniram para um café. A entrevista durou cerca de uma hora e meia. No primeiro momento expliquei novamente qual seria o intuito da conversa, dei detalhes sobre o objetivo do meu trabalho de conclusão de curso e iniciamos a conversa. Ao longo do papo, Robésio e sua esposa Magda chegaram no local e participaram da conversa. A conversa fluiu de forma leve e descontraída na qual, em diversos momentos, os moradores lembraram suas experiências e trajetórias de vida individuais e coletivas, de forma saudosista e orgulhosa.

Por fim, a última entrevista foi feita com os integrantes da banda Los Panchos. A banda é formada por santamarienses de diversas gerações e não tem um número fixo ou engessado de integrantes. Durante os shows, todos podem participar. A conversa ocorreu na Parada das Mamonas, um bar logo na entrada no município de Santa Maria, às 15h. De início estava apenas eu, Loso, Hudson e Batata. Aos poucos os demais integrantes foram chegando ao local e se reunindo em volta da mesa. Esta foi a entrevista mais longa. O papo foi até às 22h.

A narração da reportagem foi realizada pela própria autora do trabalho, assumindo uma posição de mediação entre as vozes dos entrevistados e o ouvinte. A escolha pela narração autoral está relacionada ao caráter afetivo e memorialístico do produto, uma vez que a repórter também se insere como sujeito atravessado pela experiência de pertencimento ao território narrado.

3.2 Pós-produção e edição do material sonoro

A etapa de pós-produção consistiu na organização, seleção e edição do material gravado, com o objetivo de construir uma narrativa sonora coesa, fluida e sensível. Inicialmente, foi realizada a escuta integral de todas as entrevistas e registros de som ambiente, seguida da seleção dos trechos mais significativos, tanto do ponto de vista informativo quanto afetivo e simbólico.

A edição priorizou a valorização das vozes dos entrevistados, respeitando seus ritmos de fala, pausas e entonações, evitando cortes bruscos que compromettesse a naturalidade da oralidade. Os sons ambientes foram utilizados não apenas como ilustração, mas como elementos narrativos, compondo a paisagem sonora e reforçando o sentimento de lugar e pertencimento. A montagem buscou equilibrar momentos de maior densidade informativa com passagens mais contemplativas e poéticas, permitindo ao ouvinte uma experiência de escuta imersiva.

As trilhas musicais foram obtidas a partir de capturas próprias e foram selecionadas com o cuidado de não se sobrepor às falas, atuando como elemento de transição entre blocos narrativos e de ambientação emocional. Sempre que possível, foram priorizadas referências sonoras associadas ao contexto local, reforçando a identidade cultural da reportagem. Ajustes de volume, equalização e mixagem foram realizados para garantir a inteligibilidade das falas e a harmonia entre os diferentes elementos sonoros.

Para editar foi utilizado o programa Sound Forge. Nele foi possível fazer os recortes, ajustar volume e adicionar trilhas. Ao todo, a edição levou cerca de 2 semanas para ser feita. Além disso, a ferramenta “Aprimorar Fala” do programa Adobe Podcast, para a redução de alguns sons externos não desejados nas captações.

O produto final foi estruturado como uma reportagem sonora única, com duração de 12 minutos. A versão final está preparada para veiculação em plataformas digitais de áudio, como Spotify e YouTube, ampliando o acesso ao conteúdo e permitindo sua circulação para além do território santamariense.

3.3 Análise geral: desafios e aprendizados

O principal desafio enfrentado ao longo do desenvolvimento deste trabalho foi articular uma discussão teórica consistente sobre identidade cultural, pertencimento e linguagem sonora

com a produção prática de um produto jornalístico em formato de reportagem sonora. A necessidade de conciliar rigor acadêmico, sensibilidade narrativa e viabilidade técnica exigiu constantes ajustes e tomadas de decisão ao longo do processo.

Outro desafio relevante esteve relacionado à organização e ao recorte do material coletado. A riqueza das entrevistas e a diversidade das vozes ouvidas demandaram um trabalho cuidadoso de seleção e montagem, de modo a preservar a pluralidade da experiência santamariense sem comprometer a unidade narrativa do produto. Nesse sentido, foi necessário abrir mão de alguns trechos e histórias que, embora relevantes, não se encaixam diretamente no escopo definido para a reportagem.

Entre os principais aprendizados proporcionados por este trabalho, destaca-se a compreensão do potencial da linguagem sonora como forma relevante de produção de conhecimento e de registro da memória coletiva. A experiência demonstrou que, mesmo com recursos técnicos limitados, é possível desenvolver um produto jornalístico sensível, crítico e significativo, desde que haja planejamento, escuta atenta e clareza de proposta narrativa.

Esta produção também está pessoalmente ligada à mim. Nasci e vivi 18 anos em Santa Maria de Itabira. No período em que pesquisei e construí este trabalho, pude ter uma visão externa do município. Olhar a cidade com os olhos mais atentos me permitiu conhecer uma outra cidade. Percebi durante este tempo, que Santa Maria era muito mais do que a minha experiência, mais do que eu mesmo pude alcançar enquanto vivia por lá. Fui extremamente bem acolhida pelos meus conterrâneos e isso me fez perceber que mesmo vivendo em Mariana durante a graduação e visitando pouquíssimas vezes, eu nunca vou deixar de fazer parte ou de me sentir pertencente. A ideia de “casa” que se tornara distante por um tempo, se transformou, na realidade, em algo muito mais do que eu. Nunca deixei e nunca deixarei de ser santamariense; e digo isso no sentido intangível da coisa. A pequena cidade se engrandeceu ainda mais quando adotei um olhar mais delicado e atencioso enquanto observava e captava o dia a dia de familiares e amigos.

Além disso, o processo reforçou a importância da oralidade, da escuta e do território como elementos centrais na construção da identidade cultural, especialmente em contextos de pequenas cidades do interior. A realização deste projeto permitiu não apenas a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Jornalismo, mas também um

aprofundamento pessoal e profissional sobre o papel do jornalismo na preservação de histórias, afetos e pertencimentos.

Dessa forma, a reportagem sonora *Santa Maria de Itabira: uma narrativa de identidade e pertencimento* encerra meu percurso acadêmico no curso de Jornalismo articulando teoria, prática e experiência, reafirmando o compromisso do jornalismo com a memória, a cultura e as vozes que constroem o cotidiano.

4. Referências bibliográficas

ASSIS, Joana d'Arc Torres de. *Santa Maria de Itabira: na lavra do tempo*. Santa Maria de Itabira, 2013.

DUARTE, Almir Adoniran. *Atos da caminhada de um povo*. Santa Maria de Itabira, 2004.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente*. Tradução de Ana Ban. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. São Paulo: Paulus, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio e cidadania: novas trilhas sonoras no Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

FERRARETTO, Luiz Artur. *O rádio na era digital: ensaios sobre linguagem e convergência*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.

GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismo*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOHAN, Silvia Adela. *Cómo narrar una historia*. 4. ed. Barcelona: Alba, 2007.

LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. Tradução de André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LOPES, Cristiano Augusto. *Assim se conta em Santa Maria de Itabira*. Santa Maria de Itabira: Fundação Francisco de Assis, 2019.

MACHADO, Elson; PALÁCIOS, Marcos (org.). *Narrativas e tecnologias: o rádio, o som e a escuta no ciberespaço*. Salvador: EDUFBA, 2007.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. O rádio no século XXI: desafios e possibilidades do mundo digital. In: NEUBERGER, Rachel Severo Alves. *O rádio na era da convergência das mídias*. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2012. p. 133–149.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1996.

SCHAFER, R. Murray. *A paisagem sonora*. Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Unesp, 2001.

TORRES, Natércia Assis. *Sempre vale a pena viver*. Santa Maria de Itabira, 2010.

VIANA E SILVA, Luana. Rádio em cenário de convergência. In: VIANA E SILVA, Luana. *O áudio em reportagens radiofônicas expandidas*. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Mariana, 2017. p. 50–71.

ANEXO

ANEXO A

Pauteiro:

Laura Duarte Gorino

Tema:

Santa Maria de Itabira: uma narrativa de identidade e pertencimento

Resumo:

A reportagem sonora busca compreender o que significa “ser santamariense”, explorando a identidade cultural, histórica e simbólica da cidade de Santa Maria de Itabira (MG). Por meio de entrevistas, narração e paisagens sonoras locais, o produto pretende revelar as memórias, os modos de vida e os afetos que formam o imaginário coletivo do município. A narrativa será conduzida pela própria repórter, que compartilha lembranças pessoais entrelaçadas às vozes dos moradores, valorizando a oralidade e o sentimento de pertencimento.

Questionamentos/Guias de Entrevista:

(organizadas por entrevistado e momento narrativo)

1 – Santa Maria de Itabira: O que é?*(momento narrativo a partir de pesquisa de produção)*

- Como a cidade de Santa Maria de Itabira surgiu?
- Como Santa Maria de Itabira é vista atualmente por seus moradores?
- O que é ser santamariense?

2 – Memórias e cotidiano santamariense *(propostas de entrevistas)*

- Como é crescer em Santa Maria de Itabira?
- Quais são as lembranças mais marcantes da cidade quando eram jovens?
- Em que se dá a influência do religioso na vida da comunidade?
- Quais são os locais ou ambientes que mais representam a cidade e como eles representam?
- Quais são as pessoas mais marcantes da história da cidade?

- Que aspectos da formação da cidade revelam o modo de ser santamariense?

3 – Pertencimento e afeto *(momento de análise geral e conclusão da produção como pesquisa)*

- Uma pessoa que não nasceu em Santa Maria de Itabira pode, de alguma forma, se tornar santamariense?
- Como é morar em uma cidade pequena como Santa Maria de Itabira?

Fontes:

- Moradoras: Dalva Fernandes, Cláudia Guerra, Ná Guerra, Bernadete Duarte e Miria Alvarenga. (31 9 98964-0902)
- Artistas locais: Hudson Duarte, Ronaldo procópio, Caetano Barbosa, Paulo Bretas, Agnaldo Lage, Túlio Fontes, José Cláudio Lage, Carlos Andrade (31 9 987339740)
- Escritora santamariense: Joana D’Arc. (31 9 88858932)

Sons e Ambientes:

- *Ambientes*: badalar dos sinos da matriz, cantos de pássaros e insetos, sons de água corrente do rio Jirau, ruídos de feira, vozes de moradores.

ANEXO B**Pauteiro:**

Laura Duarte Gorino

Tema:

O ser santamariense na voz das moradoras

Resumo:

A entrevista coletiva com um grupo de moradoras de Santa Maria de Itabira tem como objetivo compreender, a partir das vivências cotidianas, como se manifesta o sentimento de pertencimento à cidade e o que significa, na prática, “ser santamariense”.

Por meio das histórias, lembranças e percepções de Dalva Fernandes, Léa Araújo, Shirley Duarte, Cláudia Guerra, Ná Guerra, Bernadete Duarte e Miria Alvarenga, busca-se captar a essência do modo de ser santamariense, revelando valores, tradições e afetos que atravessam gerações.

A conversa propõe uma escuta sensível sobre a vida comunitária e as transformações da cidade. As vozes dessas mulheres, com suas memórias e modos de falar, representam a pluralidade e a força simbólica da experiência santamariense.

Perguntas:**1 – Raízes e pertencimento** *(apresentação e vínculo pessoal com a cidade)*

- Como é a relação de vocês com Santa Maria de Itabira? Todas nasceram aqui ou chegaram depois?
- O que faz vocês se sentirem parte desta cidade?
- Quais lembranças mais marcam a infância ou juventude em Santa Maria?
- Quando pensam em “ser santamariense”, o que essa expressão desperta em vocês?
- Como é viver em uma cidade pequena, onde quase todo mundo se conhece?

2 – O jeito santamariense de ser *(cotidiano, valores e identidade coletiva)*

- O que vocês acham que mais caracteriza o santamariense?

- Que valores, costumes ou hábitos vocês consideram típicos daqui?
- Como vocês descreveriam o jeito de acolher, conversar e conviver do povo santamariense?
- Há alguma festa, tradição ou momento do ano que resume o espírito da cidade?
- Vocês acham que a cidade mudou muito ao longo do tempo? O que permanece igual?

3 – Memória, amizade e afeto *(dimensão simbólica e poética da identidade)*

- Como a convivência e as relações entre as pessoas ajudam a manter viva a memória da cidade?
- Que lugares, cheiros ou sons fazem vocês se sentirem em casa?
- Existe algum som que, para vocês, é a “voz” de Santa Maria? (pode ser o sino, o rio, os passarinhos, o falatório da praça)
- Se pudessem descrever Santa Maria em uma palavra, qual seria?
- E se tivessem que deixar uma mensagem sobre o que é *ser santamariense*, o que diriam?

Fontes:

- Dalva Fernandes, Robésio Alvarenga, Cláudia Guerra, Ná Guerra, Bernadete Duarte e Miria Alvarenga. (31) 9 98964-0902

ANEXO C

Pauteiro:

Laura Duarte Gorino

Tema:

A identidade santamariense na obra e na memória — o ser santamariense através da história

Resumo:

A entrevista com Joana D’Arc tem como objetivo compreender como a identidade de Santa Maria de Itabira é construída e representada na história e na literatura local. A partir da obra *Santa Maria de Itabira: Na lavra do tempo*, que reúne documentos históricos e relatos desde o período da escravidão, busca-se entender quais elementos definem o “ser santamariense”, de que forma a memória e o território moldam essa identidade e como o passado ainda se faz presente no cotidiano da cidade. A fala da autora também ajuda a conectar a dimensão simbólica da cidade, com suas narrativas, personagens e afetos à ideia de pertencimento que orienta a reportagem sonora.

Perguntas:

1 – A autora e sua relação com Santa Maria de Itabira

- Como nasceu o seu interesse por registrar a história de Santa Maria de Itabira?
- O que te motivou a escrever “Santa Maria de Itabira: *Na lavra do tempo*”?
- Que lembranças pessoais mais te ligam à cidade?
- De que forma sua vivência como santamariense influenciou a escrita da obra?
- Quando você pensa em “ser santamariense”, o que essa expressão desperta em você?

2 – A construção da identidade santamariense na história (momento de análise histórica e simbólica)

- A obra reúne documentos desde a época da escravidão. O que esses registros revelam sobre as origens da cidade e sobre quem eram (e são) os santamarienses?
- Que valores, modos de vida ou características se repetem ao longo da história da

cidade?

- Quais acontecimentos marcaram a formação da identidade local?
- Como o passado colonial e o trabalho na lavra moldaram o modo de ser e de se reconhecer do povo santamariense?
- De que forma as memórias de resistência, religiosidade e solidariedade aparecem na trajetória de Santa Maria?

3 – Memória, pertencimento e imaginário coletivo *(momento mais subjetivo e poético da entrevista)*

- Na sua visão, o que faz alguém “se sentir santamariense”, mesmo que não tenha nascido na cidade?
- Há alguma imagem, som ou símbolo que, para você, representa a essência de Santa Maria de Itabira?
- O que muda e o que permanece na cidade ao longo do tempo?
- O que o passado ensina sobre o presente da comunidade?
- Que lugar a memória ocupa na vida dos moradores e na identidade santamariense?
- Se pudesse descrever Santa Maria em uma palavra ou sentimento, qual seria?

Fontes:

- Escritora santamariense: Joana D’Arc. (31 9 88858932)

ANEXO D**Pauteiro:**

Laura Duarte Gorino

Tema:

Entre acordes e amizades: a união santamariense e o papel da praça como espaço de encontro

Resumo:

A entrevista com os integrantes da banda *Los Panchos* busca compreender como a música e os encontros na praça expressam o espírito de união, acolhimento e pertencimento que caracteriza Santa Maria de Itabira. O grupo, formado por amigos que se conheceram ainda jovens na pracinha da igreja, representa a força dos laços comunitários da cidade, que atravessam diferenças sociais e se mantêm pelo prazer de estar junto.

A conversa pretende refletir sobre a importância simbólica da praça como espaço de convivência, sobre o valor da amizade e sobre o modo de ser santamariense que se revela nas pequenas reuniões, nos risos e nas músicas compartilhadas.

Perguntas:

1 – A origem da amizade e o reencontro na música (*momento de apresentação e memória compartilhada*)

- Lembram da primeira vez que se juntaram para fazer som?
- O que os unia naquela época? E o que ainda os une hoje?

2 – A praça e a convivência santamariense (*momento de reflexão sobre o espaço e o pertencimento*)

- O que representa a praça da igreja na vida de vocês e na vida da cidade?
- A praça é um espaço de fé, mas também de encontro, de conversa, de música... Como vocês veem essa mistura de sagrado e profano?
- Que memórias e histórias vocês têm da praça ao longo do tempo?
- Hoje, o que acontece quando vocês se reúnem lá? É música, é amizade, é tradição?

- Vocês sentem que a praça é um lugar que acolhe todo mundo, independentemente de quem seja?

Fontes:

- Hudson Duarte, Loso, Batata, Tixéu, Mirely, Gisele (31 9 987339740)

ANEXO E

QUADRO: CINEMA TOCADO	REDATOR: Laura Gorino	Assunto: TCC	Tempo: 12'
SON	Pássaros na manhã de Santa Maria		

LOC	“SANTA MARIA DE ITABIRA É PEQUENA NO TAMANHO, MAS NUNCA FOI PARADA. COM CERCA DE 10 MIL HABITANTES E MAIS DE 597KM DE EXTENSÃO SENDO EM SUA MAIORIA RURAL, SANTA MARIA É UMA CIDADE PASSAGEM, COMUM NAS ROTAS RODOVIÁRIAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS. DESDE CEDO, A CIDADE APRENDEU A SE MOVER: GENTE INDO, GENTE VOLTANDO, PALAVRA CIRCULANDO, MÚSICA NASCENDO NO MEIO DA RUA. AQUI, AS COISAS NÃO ACONTECEM POR ACASO. ACONTECEM PORQUE ALGUÉM FAZ, ALGUÉM CHAMA, ALGUÉM RESOLVE.” <i>(PAUSA CURTA)</i> “ESSA É UMA CIDADE CONSTRUÍDA MENOS POR MUROS E MAIS POR ENCONTROS.” NO COMEÇO, SANTA MARIA AINDA ERA UM ARRAIAL. NÃO TINHA TUDO, MAS JÁ TINHA GENTE DISPOSTA A FAZER ACONTECER. A PALAVRA ERA FERRAMENTA, ACORDO E CONFIANÇA. ERA PELA CONVERSA QUE SE RESOLVIAM NEGÓCIOS, CONFLITOS, PAPÉIS, VIDAS. E ATRAVÉS DA LITERATURA E DA ARTE E, GERAL É POSSÍVEL RECONHECER O SANTAMARIENSE.
SON	Badaladas do sino de Santa Maria de Itabira
SON (JOANA DARC TORRES DE ASSIS)	Eu fui a terceira escritora de Santa Maria a lançar o livro lá esse ano. Márcio Sampaio lançou em abril, Douglas lançou acho que agora em setembro, e eu lancei em outubro. Então eu falo assim, porque lá é assim, a gente olha e fala assim, a fula não consegue? Eu também consigo. Eu acho que é porque a gente resolve fazer e a gente não pode ter orgulho. Eu acho que a gente tem essa força de

	acreditar.
--	------------

LOC	MESMO PEQUENA, SANTA MARIA SEMPRE ESTEVE CONECTADA. TROPAS SAÍAM, MERCADORIAS CIRCULAVAM, NOTÍCIAS CHEGAVAM. O INTERIOR AQUI NUNCA SIGNIFICOU ISOLAMENTO, MAS PASSAGEM. A CIDADE APRENDIA COM O MUNDO E DEVOLVIA DO SEU JEITO. FIGURAS COMO SOCOTA, RETRATADOS PELA AUTORA SANTAMARIENSE JOANA DARC TORRES DE ASSIS AJUDAM A ENTENDER ESSE ESPÍRITO. EM SUA OBRA “NA LAVRA DO TEMPO” ELA DISCORRE SOBRE SANTA MARIA DE ITABIRA DESDE O INÍCIO, A PARTIR DOS ARQUIVOS DE SÔ COTTA, COMERCIANTE, MEDIADOR, HOMEM DE MUITAS FUNÇÕES, E PARA ELA, ELE NÃO REPRESENTA APENAS UM PERSONAGEM HISTÓRICO, MAS UM JEITO DE SER: O DE QUEM NÃO ESPERA A SOLUÇÃO CHEGAR, VAI ATRÁS DELA.
SON SON (JOANA DARC TORRES DE ASSIS)	Eu atribuo essa característica do povo de Santa Maria de ter uma ousadia que não é comum numa pequena cidade como a nossa a Sô Cota, acho que nós todos ganhamos dele uma herança, porque ele nasceu em 1847 e 1866 ele mandou a primeira tropa à corte levando o café. Ele primeiro mandou para uma firma, era pessoas assim de Tabira, pelo seu porque nós, Santa Maria, éramos também um pedaço de Tabira. Lá era Arraial, depois se tornou distrito bem mais à frente, mas era um Arraial. E ele dessa firma, que ele então criou uma firma e criou uma loja em Santa Maria de Itabira. que era a loja a casa Primavera o nome dela

LOC	
------------	--

	ESSA CIRCULAÇÃO MOLDOU UMA CIDADE PRÁTICA, INVENTIVA, ACOSTUMADA A RESOLVER ANTES DE RECLAMAR TALVEZ POR ISSO, EM SANTA MARIA, IR EMBORA NUNCA SEJA EXATAMENTE PARTIR. MUITA GENTE NASCE AQUI, SAI PARA ESTUDAR, TRABALHAR, CONHECER OUTROS LUGARES. MAS O RETORNO É FREQUENTE E, MUITAS VEZES, DEFINITIVO. VOLTAR NÃO É FALTA DE OPÇÃO. É ESCOLHA. COMO A DA MORADORA NÁ.
SON (NÁ DE MARIZINHA)	Eu nasci aqui, dentro de casa. Saí, morei fora, morei Itabira, morei em Santa Bárbara, morei no Norte de Minas. Voltei para Itabira e hoje moro aqui, mas com orgulho. A cidade é a minha, é a minha cidade aqui.
LOC	É O RECONHECIMENTO, COMO O DE NÁ DE QUE PERTENCIMENTO NÃO SE PERDE COM A DISTÂNCIA. PELO MENOS NÃO EM SANTA MARIA. SANTA MARIA É FEITA DE PESSOAS QUE SE RECONHECEM. NA RUA, NO VELÓRIO, NA FESTA, NO DIA COMUM. TODO MUNDO SABE QUEM É QUEM. E MAIS: DE QUEM É.

SON (NEM DE MARIZINHA)	Em Santa Maria a gente sempre é de alguém. Nem de Marizinha, Preto de Maria de Raimundo Soldado. Nunca que a gente é Claudia Maria Lage Guerra, eu não sou meu nome. Eu sou Cláudia de Mariazinha.
LOC	COM O RECONHECIMENTO NATURAL ENTRE OS MORADORES TAMBÉM VEM A TRANQUILIDADE, COMO A DE SÔ ROBESIO.
SON (SÔ ROBESIO)	Minha casa não tem muro, meu carro não fecha, a chave não sai da da ignição. da ignição. Já me roubaram um carro, já entraram na minha casa e não acharam nada, pegaram uma uma uma malinha de caixa de ferramenta tirado daqui e puseram para cá. querendo trabalhar. E dentro dela ela tinha R\$ 500. Mas ela não mexeu. Foi na bolsa de Magda, acharam R\$ 10. Levaram os R\$ 10. Deixou R\$ 500 e levou É. R\$ 10 né da senhora Aí nós chegamos ele correu. Tempo depois ele voltou. Ele voltou. Aí ele levou as joias de Magda, levou um revólver meu e aí ele deu uma uma máquina.

LOC	EM SITUAÇÕES COMPLICADAS COMO ESSA É QUE ENTRA O JEITINHO RESOLVEDOR SANTAMARIENSE
------------	--

	Aí o que que eu fiz com esse cara? Peguei ele e falei: "Eu vou te levar e em Belo Horizonte para fazer terapia. Levei três vezes em Belo Horizonte. Ele não usava álcool nem droga. Falei: "Eu o que que você pensa? Eu tenho vontade de ficar rico". Ficou falando: "Nossa, se eu tiver melhorando, melhor sem terapia, não vou mexer com esse trem não". Aí ficou sem fazer terapia. Aí ele pôs uma banca lá perto na rodoviária, perto da rodoviária em Belo Horizonte. Aí tempo depois eu tinha notícia que ele eles prenderam ele aí no carro no assalto que eu fiz aí. Ó, eu continuava na profissão. Continua.
LOC	ESSA IDENTIDADE COMPARTILHADA CRIA UM SENSO DE CUIDADO DIFÍCIL DE EXPLICAR, MAS FÁCIL DE SENTIR. É NA PRAÇA QUE TUDO SE ENCONTRA. GENTE, IDADE, MÚSICA, CONVERSA. A PRAÇA NÃO É SÓ ESPAÇO FÍSICO, É ESCOLA, PALCO E SALA DE ESTAR. ISSO, QUEM CONTA É TIXÉU, MORADOR E MÚSICO DA CIDADE, ALÉM DE FREQUENTADOR ASSÍDUO DA PRAÇA.
SON (TIXÉU)	É o seguinte, ela começou em Santa Maria, porque antigamente não existia barzinho, não existia noite e uma turma da minha geração assim que hoje eu tenho 59 anos, uma geração de 70 anos aí, começou a ir estudar em Belo Horizonte e quando vinha reunir o final de semana na sua cidade Natal, ia para a praça. A praça era uma festa, a verdade era essa. E tinha várias turma

	que ficava, tinha vários bancos, cada um fazia uma coisa na praça. E ali foi passando aí na época de 78, 80, 81, veio as música boa de Zé Ramalho, Seu Valente, 78, 80, 82. Essas música hoje que é sucesso, né? E aí continuou a praça ali até os anos 90, 95. E ali ficava, jogava baralho, brincando, 7 e 1/2, 21 e brincava de correr, de brincar, de de de de de pega, de polícia e ladrão. e depois, música e é isso aí a praça e continua essa turma. Aí veio uma os policiais para Santa Maria e faziam repressão. O Gonçalo, por exemplo, tem umas música. Como é que é estava na pracinha tocando um samba quando o Clóvis chegou dizendo que era para parar o samba que foi o delegado que mandou. Que é isso, Clóvis? Isso não é nada. Isso é um samba que vai até de madrugada e aí vai, tem mais Porque o Clóvis era um policial. Aí chegava lá, não tinha essas imprensa da polícia, né? Aí, ele foi fazendo esse tipo de música.
LOC	A MÚSICA ALI NUNCA FOI ESPETÁCULO. SEMPRE FOI CONVIVÊNCIA. ISSO É QUEM DIZ BATATA, LOSO E HUDSON. MORADORES DE SANTA MARIA, QUE JUNTO COM TIXÉU, FAZEM PARTE DA TURMA DA PRACINHA E FORMARAM A BANDA LOS PANCHOS.

SON (LOSO, BATATA E HUDSON)	E sempre. E na pracinha sempre rolava alguma coisa cultural, sempre tinha alguma coisa que que atraía as atenções, né? Que fosse uma viola, que fosse uma brincadeira na nos bancos de de Como é que chamava? Do parque queijo. Sempre rolava uma coisa assim interessante lá na praça. Mesmo quem não era do do ramo da música, participava lá e curtia Passa. Naquela rua ali, tinha São João, São Joaquim e Chico aqui, né? Então ali fazia uma Um triângulo. triângulo ali que já eram três velonice de prima Era três maestras. E a música é sempre presente. Nós ali, por exemplo, é, todo mundo, é, comprava-se muito disco de vinil. E o, e os discos eram compartilhados. Então, a música era sempre presente. Sempre. Pode ver que todo mundo, essa turma toda aí, conhece muito de música, conhece muito. É. Todo mundo passou por essa praça. Por Por intermédio do disco de Vini ou não. Aprendeu nessa praça, foi embora, estudou e etc. etc.
LOC	A MÚSICA ALI NUNCA FOI ESPETÁCULO. SEMPRE FOI CONVIVÊNCIA. NINGUÉM PRECISAVA SE DIZER MÚSICO. BASTAVA OUVIR, OBSERVAR, TENTAR. UM APRENDIA COM O OUTRO, SEM PERCEBER QUE ESTAVA ENSINANDO. GISELE, UMA DAS ARTISTAS MAIS CONHECIDAS DA CIDADE CONTA SOBRE A POTÊNCIA DA MÚSICA NO MUNICÍPIO.
SON (GISELE)	Mas Santa Maria é muito músico bom, esses meninos tudo, é tudo música de ouvido. É gente que nasceu músico, né? Gente

	que fez e fez música, né? É da raça, né? Um que o pai é e e que o Santa Maria é tudo músico nato, né? É músico nato. Era a coisa mais linda do mundo. E saía para a rua tocando, fazendo serenata, parava na na na na janela, todo mundo passava assim. Era a coisa mais linda do mundo.
LOC	ASSIM, A CULTURA PASSA DE MÃO EM MÃO, SEM MANUAL. MIRELLY EXPLICA COM CLAREZA TODA A ESPONTANEIDADE QUE EXISTE COMO UM DOM DO SANTAMARIENSE.
SON (MIRELLY)	O que Gisele falou assim, que é música de ouvido. A coisa da poesia aqui também vem natural, é para todo mundo, não é porque alguém estudou poesia, não é porque alguém estuda a música. É porque a gente tem encontros, né? A gente se conecta. Tem os novos baianos que eles falam que pela lei natural dos encontros eu deixo e recebo um tanto. Santa Maria, acho que é isso. A gente vai deixando, vai recebendo, vai crescendo.
LOC	A PALAVRA QUE RESOLVE. A CIDADE QUE ACOLHE. A PRAÇA QUE REÚNE. SANTA MARIA DE ITABIRA SEGUE EXISTINDO NESSE MOVIMENTO SIMPLES E PROFUNDO: GENTE QUE FAZ, GENTE QUE VOLTA, GENTE QUE TOCA E ACIMA DE TUDO SENTE ORGULHO DE QUEM É. DIEGO DE PIMENTA TRADUZ PERFEITAMENTE ESSE SENTIMENTO.

SON (DIEGO DE PIMENTA)	Eu gosto de morar aqui, Santa Maria tem uma uma raiz um um imbigo enterrado aqui. Toda cidade tem é o os momentos bons e os ruim, mas no bom aqui é bom demais. No ruim, aqui é tranquilo, é calmo, não tem problema, todo mundo tá junto. É como se fosse todo mundo morando na mesma casa, mas no dia de festa, aí, minha filha, aí aqui é bom demais.
LOC	É FÁCIL RECONHECER UM SANTAMARIENSE EM QUALQUER LUGAR. A CIDADE PASSAGEM VIROU CIDADE SÍMBOLO DE ACOLHIMENTO E AÇÃO. POR ISSO SOMOS CHAMADOS DE GARRUCHEIROS. SEMPRE JUNTOS, COMO OS DOIS CANOS DA GARRUCHA. ESTA REPORTAGEM SONORA É UMA PRODUÇÃO DE LAURA GORINO PARA A UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO.